

A revista Joaquim na província da cultura: estratégias de uma periferia do espaço intelectual brasileiro na década de 1940

Avance de investigación em curso

Grupo de trabalho 32: Sociologia da arte e da cultura

Natalia Romanovski

Resumo:

Investigaremos duas estratégias utilizadas na revista Joaquim, que se devem ao lugar periférico onde ela foi editada: o estado do Paraná. Enfocaremos primeiramente a estratégia de legitimação através da aprovação dos dominantes, mostrando a tensão entre a combatividade em termos locais e a adesão aos valores centrais. Depois, o reconhecimento da identidade geracional da revista com o apelo à categoria de “novos”, relacionada a valores como a renovação e a irreverência. A partir dessa identidade, houve uma homogeneização dos participantes e dos conteúdos da revista, mas dados das trajetórias dos agentes mostram que existiu uma grande heterogeneidade que levou a divergências que estão frequentemente colocadas na própria revista.

Palavras-chave: produção cultural brasileira; periferias culturais na década de 1940; revistas literárias.

1 Introdução

Esse paper explora duas estratégias utilizadas em uma revista literária, a revista Joaquim, cujos 21 números foram editados em Curitiba entre 1946 e 1948. Seu contexto imediato era o espaço de produção cultural paranaense, que era uma periferia com relação à produção cultural nacional. Uma das características principais atribuídas à revista era o fato de ela não se limitar ao contexto periférico local. Para que essa intenção fosse realizada, os agentes responsáveis pela revista acabaram por desenvolver algumas estratégias.

Pensaremos o desenvolvimento destas estratégias em três partes: primeiramente, o diálogo que ocorreu entre agentes dominantes no espaço literário brasileiro e os agentes da revista, que conformou algumas das tomadas de posição. O segundo ponto é uma decorrência do anterior: o estabelecimento de uma identidade da revista, que a estabeleceu como uma das “revistas de novos” da década de 1940. Finalmente, problematizaremos essas duas estratégias através de dados das trajetórias dos agentes e de suas tomadas de posição.

2 Diálogos entre centro e periferia

Um texto de tipo peculiar foi presença frequente nos 21 números de Joaquim. Para fins de análise, estes textos foram categorizados como “apreciações críticas” da revista. Seus conteúdos comentavam a iniciativa e os conteúdos presentes na revista, geralmente em tom elogioso. Já no segundo número (junho 1946) temos um exemplar desse tipo de texto.

RIO, 5 de maio 1946.

Dalton Trevisan:

Estou recebendo o primeiro número de “Joaquim”. Ainda bem que continuam a surgir no Brasil as revistas de moços. [...] Encontro em vocês do Paraná êsse fermento de “coisa nova” que é tão precioso e passa tão rápido. [...] Que delícia uma revista cuja redação é na rua Emiliano Perneta, 476, e que promete publicar em seu segundo

número um artigo sob o título “Emiliano, poeta medíocre”! (JOAQUIM, n. 2, p. 17)

Esse texto foi publicado na página 17 do segundo número de Joaquim, imediatamente após a publicação de “Emiliano, poeta medíocre”, e é um excerto da carta que foi enviada do Rio por um dos poetas consagrados da época, Carlos Drummond de Andrade. Assim, mesmo antes da publicação, o texto já estava aprovado por um dos maiores poetas brasileiros, que percebeu o seu potencial subversivo com base no nome provocativo do texto.

Mas também houve confirmação da legitimidade do texto depois de sua publicação. No terceiro número (julho 1946), outra apreciação da revista confirmava que a crítica ao poeta simbolista Emiliano Pernetta encontrava eco e aprovação em outros agentes do campo literário brasileiro.

Imagino daqui o santo ímpeto dos jovens paranaenses, empenhados em divulgar idéias modernas sobre o teatro, pintura, música, poesia, sem esquecer a política. Pela energia da sua investida, pressinto a vastidão da inercia local, o academismo frio, dessorado, reduzido a poesia de sobremesa e pôr-do-sol que impera no gosto. Aliás, o Paraná tem uma “amende-honorable” a fazer para com a literatura nacional. De lá, com efeito, partiu um dos movimentos mais medíocres que a tem infestado, apadrinhado por Nestor Vitor, Rocha Pombo, Emiliano Pernetta e logo acolitado por uma série de então jovens poetas e escritores, logo tornados paranaenses honorários quando não o eram de nascimento. (JOAQUIM, 2000, n.3, p. 11, grifos no original)

Essa apreciação crítica é um trecho de um artigo escrito por Antônio Candido, uma das principais revelações da crítica literária brasileira do início da década de 1940. Como vemos, Antonio Candido compartilha da opinião do autor de “Emiliano, poeta medíocre”, Dalton Trevisan. Para ambos, o simbolismo paranaense seria caracterizado pela mediocridade. Frente a isso, o título dessa apreciação crítica de Antônio Candido mostra qual seria a posição da revista: “JOAQUIM – a irreverente e a heróica”.

A apreciação crítica de Antonio Candido é ainda mais significativa, já que o crítico havia sido citado no texto de Trevisan:

No Brasil, em primeiro lugar, revelou-se o simbolismo sem a importância das outras escolas, sendo seus representantes Cruz e Sousa, Alfonsus de Guimarães, B. Lopes, Emiliano Pernetta etc. Destes poetas instrumentistas, o único “merecedor da classificação de poeta simbolista brasileiro” (Sérgio Milliet), e que, na verdade, “trouxe a sua contribuição para o simbolismo universal” (Roger Bastide), foi Cruz e Sousa, infinitamente superior aos demais e, em particular, a Emiliano, deles o menor. O menor, aliás, conforme a sanção da crítica e do tempo. [...] Além da prova feita pelos seus próprios versos, por que argumento mais irretorquível a favor de sua mediocridade do que a nenhuma importância que lhe dão os grandes críticos de hoje, Álvaro Lins, Antônio Cândido, Tristão de Ataíde, Sérgio Milliet, Mário de Andrade? Ronald de Carvalho, por sinal, nem o citou, como poeta menor que fosse, em sua obrigatória “Pequena História da Literatura Brasileira”. E o silêncio dos críticos é, sem dúvida, também uma opinião. (JOAQUIM, 2000, n. 2, p. 17)

Antonio Candido tinha sido citado no texto de Trevisan como um dos grandes críticos da época. Em relação a isso, podemos verificar que havia uma congruência total entre a opinião do crítico consagrado e do autor do texto. Além disso, esse é um dos poucos argumentos de fato contidos no texto de Trevisan. Ele chamou a crítica consagrada de seu tempo para reafirmar a sua posição contra aquele que era considerado o principal poeta paranaense até então.

Ademais, a aprovação explícita de Antonio Candido tem uma força especial para Joaquim. Um dos autores mais presentes na revista, o crítico Wilson Martins, revelou no artigo “As novas gerações e as revoluções literárias” o papel central que o grupo do qual Antonio Candido fazia parte no início da década de 1940 teve para essa nova geração.

Os documentos dessa difusa revolução chamam-se o “Suplemento” da “Folha do Norte”, em Belém; “José” e as edições Clã, no Ceará; “Nordeste”, em Recife; “Agora”, em Goiás; “Edifício” e suas edições, em Minas; “Magog”, “Fonte”, “A Época”, a futura “Orfeu” e os suplementos literários dos jornais no Distrito Federal; “Paralelos”, em São Paulo, como também a inesquecível “Clima”, iniciadora dessa renovação e um nome que por isso não

podemos esquecer; “Joaquim”, no Paraná [...] (JOAQUIM, n. 13, p. 6)

Portanto, para Martins, a revista *Clima* (da qual Antonio Candido foi um dos principais formuladores) teve papel central na “difusa revolução” da literatura. Além disso, *Clima* realmente pode ser vista como uma precursora, dado que surgiu na primeira metade da década (Pontes, 1998), enquanto boa parte das demais revistas apareceu na segunda.

Assim, vemos que a iniciativa de Dalton Trevisan ia de encontro às expectativas e às opiniões de Drummond, na época vivendo no Rio; e Antonio Candido, de São Paulo. No caso de Drummond, a iniciativa iconoclasta de Trevisan encontrou eco no fato de que, surgindo uma “revista de moços”, a ironia implícita da coincidência do endereço da revista e do nome do poeta é um sinal de que a tarefa de renovação que caberia aos novos estava sendo cumprida em Joaquim. Já Antonio Candido concordava com o argumento de Trevisan sobre a mediocridade de Pernetá.

Candido também estava ciente do lugar menor que o Paraná ocupava na história da literatura brasileira. De fato, no estado surgiu um dos maiores e mais duradouros grupos simbolistas do Brasil, em fins do século XIX – encabeçado pelo poeta Emiliano Pernetá. Primeiro grupo intelectual organizado do estado, os simbolistas criaram condições para a continuação da sua consagração mesmo após o seu período de produção mais forte, que se encerrou na década de 1910. Assim, os simbolistas ocuparam no Paraná a importante posição de fundadores de uma vida intelectual organizada (Bega, 2001).

No entanto, em termos nacionais, o simbolismo foi um movimento menor. Seu maior concorrente, o parnasianismo, acabou consagrado como principal corrente literária da época, e posteriormente foi refutado e “superado” pelos modernistas da década de 1920. Ou seja, o maior movimento literário paranaense, que havia colocado o estado no mapa literário brasileiro, era menor, tanto com relação ao seu concorrente contemporâneo (o parnasianismo), quanto com relação à história literária. Era um movimento considerado “menor” no Brasil, argumento que Trevisan explora no texto anti-Emiliano.

Dessa forma, Dalton Trevisan botou em prática uma estratégia de acumulação de capital literário. Ao mesmo tempo em que criticava a noção de que Emiliano Pernetá era um grande poeta e, através disso, criticava os valores vigentes no espaço intelectual paranaense, ele apelava para valores vigentes e dominantes nos centros literários brasileiros. O fato de que a revista era enviada para agentes em posições dominantes nesses centros mostra que existia uma intenção deliberada de conseguir visibilidade e aprovação desses dominantes, e uma tentativa de se alinhar com eles.

Isso também fica claro no silêncio da revista com relação a uma das outras críticas realizadas com relação ao Paraná. Uma seção esporadicamente presente na revista consistia na republicação de trechos curtos, na maioria retirados da imprensa local. O posicionamento se revelava no título irônico da seção: “Oh! As idéias da província...”. O responsável dessa seção também era Dalton Trevisan, que no primeiro número da revista escolheu o seguinte trecho para publicação na seção: “O sr. Valfrido Piloto é o maior prosador paranaense.” (Joaquim, 2000, n. 1, p. 5)

Valfrido Piloto era parte do establishment da cultura paranaense nas décadas de 1930 e 1940, e, ao contrário de Emiliano Pernetá, estava vivo em 1946. Assim, ele teve a oportunidade de se defender, o que fez através de um artigo publicado no jornal *Gazeta do Povo* em 27 de abril de 1946, chamado “‘Seu’ Joaquim, um pobre diabo”, e que tinha como lead “Bilhete bem apressado, ao Erasmo, meu primo sempre distante” (Piloto, 1947). A referência aqui é a um dos três primeiros diretores da revista, Erasmo Piloto, primo de Valfrido. No entanto, não somente a resposta de Valfrido Piloto não foi republicada na revista, como nem mesmo foi citada. Valfrido só volta a aparecer novamente na revista no número 8, na mesma seção irônica em que apareceu no primeiro número. Mas, com exceção desses dois pontos, Valfrido é ignorado na revista.

Assim, vemos que a intenção de Dalton Trevisan, agente que se tornou completamente dominante na direção da revista após a saída de Erasmo Piloto no número 4 (setembro 1946), era a de

se alinhar às discussões e aos posicionamentos dos centros. Utilizando a crítica a Emiliano Pernetá como uma forma de criticar o estado das coisas no Paraná, um espaço intelectual dominado em termos nacionais, ele transmitia a sua concordância com relação aos pontos de vista dominantes nos centros, bem como a “irreverência” e o “heroísmo” de sua iniciativa – apelando para a categoria de “moços” ou “novos”, vigente no espaço literário brasileiro.

2 A identidade de “revista de novos”

Uma das estratégias mais frequentes foi a de classificar Joaquim como uma “revista de novos”. Isso já estava claro nas posições iniciais de Dalton Trevisan. Em “Emiliano, poeta medíocre”, sua oposição à “mística de Emiliano” é justificada como representativa da nova geração.

Há, no Paraná, por razões sentimentais, a mística de Emiliano, que não tem raízes na admiração dos moços; eles não a aceitam e repudiam. Não é em vão que a nossa geração, com sua mentalidade formada entre o suor, o sangue e as lágrimas de duas guerras mundiais, sofrendo a sua inquietude tremenda, a provar experiências decisivas na própria carne, procedeu como um motivo de sobrevivência a subversão de todos os valores. Nossa geração não quer mais nutrir-se de equívocos que a afastem da rua dos homens. (JOAQUIM, 2000, n. 2, p. 16)

Em diversos textos de Trevisan tem-se a ênfase na questão geracional, especialmente naqueles que, como “Emiliano, poeta medíocre”, Carollo (1972) designou de “manifestos” de Joaquim. No segundo texto, o artista plástico Guido Viaro (que também colaborou em Joaquim) é celebrado como líder dos moços.

É ele, no Paraná, a fonte sôzinha da inquietude nas artes plásticas. Que lição de coragem para os moços a desse homem, que já tem cabelos brancos na cabeça, podendo se instalar na arte que todos gostam, pintar pinheiros do Paraná – e, só, arrosta a indiferença e incompreensão do vulgo profano ante a arte moderna. (JOAQUIM, 2000, n. 7, p. 10)

Wilson Martins também comentou o significado de Viaro para os novos, e foi ainda mais longe do que Trevisan:

Inquietude e insatisfação que tanto o aproximam da juventude, o que me parece o primeiro sinal da vitalidade: o de um homem ainda moço, mas já de cabelos brancos, que sempre é visto com os moços, que é compreendido pelos moços e que os compreende, e que é sempre o primeiro à frente das iniciativas renovadoras, daquelas que podem indicar algum caminho desconhecido, ou frutos novos das árvores que se conhecem. (JOAQUIM, 2000, n. 8, p. 6)

Dessa forma, Viaro torna-se um moço, pelas mesmas virtudes que caracterizariam a revista e a colocariam como uma revista representativa da nova geração: a renovação, a abertura de caminhos para a arte, e a recusa a se prender a ideais “passadistas”.

Através dessas caracterizações, vemos que a categoria de “novos” correspondia a um determinado conjunto de valores. A irreverência, o trabalho de profilaxia com relação aos valores vigentes, eram tarefas associadas à juventude. O caso de Viaro mostra como essa categoria não correspondia necessariamente ao referencial biológico, mas a uma determinada adesão aos valores do campo e ao fato de os “novos” assumirem o papel da renovação das artes e da literatura. E, se considerarmos que a lógica do jogo é a renovação constante e a subversão, os novos ocupam um papel central para a dinâmica da produção cultural.

Isso foi reconhecido por Trevisan. Seu esforço por enquadrar Joaquim como uma revista de novos chegou ao paroxismo com seu terceiro texto “profilático”, que foi motivado por uma apreciação crítica da revista. Ao contrário das apreciações de Drummond e de Candido, esta apreciação tem algumas reservas com relação à iniciativa de Joaquim. O autor, Tasso da Silveira, reconhece a identidade de “revista de novos” em seus comentários:

Estou recebendo os números 5 e 6 de “JOAQUIM”. Não imaginam os moços que fazem esta revista o quanto ela tem, verdadeiramente, de “mensagem” para mim. Por mais infenso que seja a algumas de suas diretivas, sinto nas suas páginas o ar puro e o claro sol da terra adolescente de que ela vem, e que é a minha, e cujo clima de espírito reflete a natureza mediterrânea provençal, que a faz tão diferente entre as outras terras do Brasil: sabem todos que “JOAQUIM” é expressão da inteligência jovem do Planalto Paranaense, do qual desde o tempo de Saint Hilaire se louva a claridade, a benignidade, o frescor, a beleza excepcionais. (JOAQUIM, 2000, n. 8, p. 13)

Tasso da Silveira era paranaense de origem, mas residia no Rio de Janeiro, uma situação comum: diversos escritores, artistas e intelectuais de outros estados da Federação se mudavam para a capital federal, o maior centro intelectual do país, para seguir carreira. Mas, como vemos na apreciação crítica, a questão das suas origens pesava para o autor. Outra coisa que pesava era a sua ligação com o grupo simbolista paranaense.

Em alguns de seus números sucessivos “JOAQUIM” publicou certas coisas que eu não poderia considerar agradáveis. O ataque a Emiliano Pernetá, por exemplo, levado a efeito por simples prurido de irreverência, tão natural nos moços, mas que os pulhas da crítica esquerdista receberam como sintoma de um novo gênio criador no Paraná. Esse ataque, no entanto, era firmado por Dalton Trevisan. A um poeta da qualidade de Trevisan perdoam-se impertinências. O autor de “Sonata ao Luar”, novela tão densa de poesia, e que li com o mais alto encantamento, verá mais tarde como seu gesto foi pobre de sentido. (ibidem, p. 13)

A crítica à iniciativa de Trevisan também pode ser entendida pela ligação pessoal de Tasso da Silveira com os simbolistas: ele era filho de um dos participantes desse grupo, Silveira Netto. A tendência seria mesmo que ele se posicionasse contra Trevisan, tomando como defeito a irreverência dos moços. Também seria esperado que ele concordasse com o ponto de vista sobre o simbolismo expresso por Temístocles Linhares no ensaio “Raízes do simbolismo no Paraná”, publicado no número 6 (novembro 1946), em que Linhares procurava compreender “cientificamente” o simbolismo no Paraná como uma expressão da especificidade do paranaense enquanto tipo humano peculiar, frente aos outros estados do Brasil.

Enquanto Tasso pretende elogiar a revista em termos gerais, seus elogios irrestritos são voltados à Temístocles Linhares e são bastante críticos a Trevisan, que no número nove (março 1947) publicou seu último texto “profilático”, que traz a questão geracional no próprio título: “A geração dos vinte anos na ilha”.

A epígrafe com que Stendhal definiu a geração romântica, define também a nossa, que não tem o que continuar. Ela tem tudo por criar¹. Há evidente equívoco, pois, na ideia de serem os ataques a Emiliano ou a Andersen inspirados em “simples prurido de irreverência”. Ao contrário, exprimem esses ataques sem dó um estado de consciência. (JOAQUIM, 2000, n. 9, p. 3)

A citação direta a Tasso da Silveira o coloca como um motivador desse texto. O papel heroico dessa geração – e, por conseguinte, da própria revista, é afirmado.

Nossa geração, com trabalho humilde, se propõe a participar do seu tempo, empenhada em salvar o homem com a sua arte, como puder. Deixará, não por piadinhas à Emílio, o sinal terrível de sua passagem, mas com uma arte honesta e séria, iluminada pelo sentimento do mundo e a dolorosa consciência do espírito de seus dias. [...] O importante foi a decisão de romper com o passado, nas suas tradições estéreis. É, pois, uma geração sem medo. Nós, filhos da Segunda Guerra, não fomos poupados pelos acontecimentos e aprendemos na própria carne que somos íntima parte deles. O mundo é um só; os nossos problemas, estéticos, ou vitais, são já os mesmos dos moços de Paris ou dos moços de Moscou. (ibidem, p. 3)

1 “Elle n’a rien a continuer, cette génération, elle a tout à créer.” Epígrafe adotada para a revista, por sugestão de Wilson Martins.

Embora a tarefa dessa “nova geração” em nome da qual Trevisan falava fosse pintado em tons fortes, não havia uma proposta de um programa que essa geração devesse cumprir. Todas as afirmações feitas nesse sentido são de caráter generalizante. Havia a noção geracional de uma comunidade de experiência e de sentido e a aceitação dos valores relacionados aos novos, mas isso não se traduziu na revista em um programa estético ou ideológico delimitado.

Ao assumir a identidade de revista de novos, Trevisan também conseguiu com que Joaquim se inserisse numa rede de produção de revistas. Muitas apreciações da revista, depoimentos e textos críticos comentam o fenômeno, como Antonio Candido o fez na apreciação mencionada anteriormente. Tristão de Athayde, crítico católico de presença marcante a partir da década de 1920, também comentou isso em um trecho republicado em Joaquim, mostrando que o fenômeno das revistas de novos era reconhecido nos centros.

... tudo indica que há uma nova geração ávida de afirmação, neste após guerra, que está sofrendo com a lenta eclosão de uma nova ordem social. No plano econômico é a passagem do capital ao trabalho, como fundamento da riqueza. No plano político, é a passagem da ditadura pessoal à democracia social. No plano estético, a procura de uma nova liberdade e também paradoxalmente de uma nova disciplina. Liberdade, nos temas. Disciplina na expressão. É nas revistas de novos que podemos encontrar êsses sinais. Edifício, Magog, JOAQUIM. Otimismo marxista. Pessimismo místico. Persistência suprealista. Alguns traços entre outros, que exigiriam longas explicações. (JOAQUIM, 2000, n. 4, p. 15)

Além disso, Joaquim também estava inserida na rede de troca constituída por essas revistas. Nos dois anos de circulação de Joaquim, foi acusado o recebimento de 28 revistas, das quais pelos menos 14 foram citadas como “revistas de novos”. Outro fator notável é a variedade da origem das revistas: além dos centros Rio de Janeiro e São Paulo, foram recebidas revistas editadas em Minas Gerais, Ceará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás, Pernambuco, e também duas revistas editadas em Lisboa. Isso corrobora as afirmações de Wilson Martins, que apontou no ensaio sobre as novas gerações que

Hoje [...] os grandes nomes da literatura brasileira são os que possuem mais viva a consciência de suas raízes provinciais [...] a literatura brasileira exterminou o tradicional eixo São Paulo-Rio-Pernambuco para adquirir uma coexistência mais uniforme, ainda que mais delgada. (JOAQUIM, 2000, n. 13, p. 6)

3 Os “novos” e seus posicionamentos

Assim, podemos ver que Joaquim se estabeleceu frente ao espaço intelectual brasileiro enfatizando seu caráter geracional enquanto “revista de novos”. No entanto, quando vemos os participantes mais frequentes da revista, notamos que alguns deles não pertenciam à “geração dos vinte anos” em nome da qual Trevisan pretendeu falar. Dos 13 colaboradores mais frequentes da revista sobre os quais foram levantados dados, 9 nasceram na década de 1920, mas os outros 4 são mais velhos. Vemos na tabela os colaboradores citados até aqui.

Quadro - Colaboradores de Joaquim e ano de nascimento

| Colaborador | Nascimento |
|----------------------|------------|
| Guido Viaro | 1897 |
| Temístocles Linhares | 1905 |
| Erasmus Pilotto | 1910 |
| Wilson Martins | 1921 |
| Dalton Trevisan | 1925 |

Assim, apesar do apelo da revista por sua identidade enquanto representante da nova geração, não havia homogeneidade entre os agentes, em termos geracionais. Embora muitos deles não fossem hostis ou fossem até mesmo favoráveis às ideias modernas propagadas por Dalton Trevisan na revista, muitos posicionamentos divergiam. O caso mais divergente pode ser talvez o de Erasmo Pilotto, que em 1945 publicou seu primeiro livro relacionado à literatura: “Emiliano”, um registro de suas experiências pessoais com a poesia de Emiliano Pernetá. O tom elogioso utilizado por Pilotto ao falar de Emiliano Pernetá é diversas vezes pervertido por Trevisan em “Emiliano, poeta medíocre”, texto que é, em grande medida, uma resposta a Pilotto (1945).

Apesar de Trevisan ter inicialmente procurado Pilotto para realizar sua ideia da revista, vemos que os dois agentes são bastante díspares. Em 1946, Dalton Trevisan estava no início de sua carreira e vida adulta. Tendo ingressado nesse ano na faculdade de Direito da Universidade do Paraná, ele havia comandado um periódico de estudantes no início da década, através do qual publicou dois livros curtos de poesia. Em 1945, publicou independentemente sua primeira novela (Dicionário Histórico-Biográfico, 1991). Quanto a Erasmo Pilotto, ele já era conhecido principalmente por sua profissão principal: professor. Trabalhou com crianças e na formação de docentes na Escola Normal. Responsável pela introdução das ideias da Escola Nova no Paraná, suas incursões pelas artes e pela literatura estavam até então ligadas à sua atividade de educador (Pilotto, 2004; Puglielli, 1996).

Dessa forma, temos aqui dois agentes que diferem muito tanto em termos de sua formação quanto em termos de compromissos objetivos no espaço intelectual. Erasmo Pilotto já havia tomado decisões definitivas e alcançado um grau de consagração local na condição de educador e de intelectual, em sentido amplo. Já Dalton Trevisan era um jovem, recém-ingresso no curso superior, com ambições literárias que ainda eram mais potenciais do que realizadas. Assim, o capital específico desses dois agentes era bastante fraco.

Quando a comparação se estende a Temístocles Linhares, vemos que, em termos de sua formação educacional ele está geracionalmente mais próximo de Erasmo Pilotto. Sua carreira no campo intelectual era, no entanto, mais consolidada e valorizada do que a de Pilotto. Presença frequente na imprensa enquanto crítico literário, Linhares também participou da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Curitiba em 1938, e lecionava literatura aí (Westphalen, 1988). No entanto, ainda não havia publicado nenhum livro.

Vemos também aí que o posicionamento de Linhares era muito diferenciado da proposta de Trevisan. Pelo menos em dois momentos, posicionamentos seus publicados na revista iam diretamente contra a proposta de Trevisan de fazer uma revista universalista, sem elementos regionalistas. Em alguns momentos, como no ensaio sobre o simbolismo, o tom cienticista e sério dos seus ensaios revelam um compromisso com a afirmação da especificidade do Paraná e exaltação desse estado frente aos demais – uma ideologia regionalista que ficou conhecida localmente como “paranismo”, ressaltando a singularidade e o valor do Paraná e do “tipo humano” paranaense.

Já Wilson Martins estava entre o extremo do compromisso de Pilotto e Linhares e a entrada muito recente de Trevisan no espaço intelectual. Um pouco mais velho do que Trevisan (fez 25 anos em 1946), era no entanto muito mais experiente. Formado em Direito pela Universidade do Paraná, Martins trabalhava no governo do Estado e militava na crítica literária desde 1942. Em 1946, publicou uma coletânea das suas críticas no jornal “O Dia”, de Curitiba, pela editora José Olympio, do Rio de Janeiro. Seus posicionamentos em Joaquim concordam com os de Trevisan. Mas Trevisan apostava pesadamente na ficção (a maior parte da sua produção na revista), e seus posicionamentos de opinião ou críticos muitas vezes chamam mais atenção pelo estilo do que pela argumentação. Enquanto isso, Wilson Martins formulava seus pontos de vista com uma sofisticação de argumentação própria ao exercício da crítica literária. Tanto nos posicionamentos quanto no estilo, mostrava uma adesão completa - e que soava até mesmo natural e desinteressada - aos valores literários vigentes na década de 1940, reconhecendo e aceitando, mesmo que criticamente, as posições e categorias dominantes nos

centros do espaço intelectual brasileiro (Martins, 1946).

De forma geral, vemos que os capitais individuais específicos envolvidos no empreendimento de Joaquim era bastante fracos. Também vemos que a disparidade entre os agentes os colocava em posições diferentes dentro do espaço intelectual paranaense e, em escala maior, do espaço intelectual nacional. Isso se refletiu também na característica de Joaquim de não pretender chegar a uma síntese tipo escola ou movimento, e assim a revista nunca foi reflexo de um grupo (Samways, 1988). Apesar da predominância de Trevisan, Joaquim abrigou agentes com posicionamentos tão díspares quanto suas posições objetivas.

4 Considerações finais

Portanto, a identidade de Joaquim enquanto “revista de novos” não pode levar à generalização de que as diferenças geracionais dentro da revista fossem minimizadas. Pelo contrário, Joaquim abrigava diferentes pontos de vista, mesmo no seu núcleo de colaboradores mais assíduos. Essas diferenças de ponto de vista devem-se a diferenças objetivas entre os agentes. Nos textos explorados aqui, vemos que Erasmo Pilotto e Temístocles Linhares estavam, de fato, ligados a muitos valores que Trevisan pretendia superar, como o apego a Emiliano Perneta e ao simbolismo ou a defesa do regionalismo paranista e seus princípios.

Assim, a proposta de adesão aos valores dominantes buscada por Trevisan se constitui numa estratégia particular desse agente, que conseguiu imprimir à revista uma identidade geracional mais ampla a partir do seu maior controle sobre os assuntos da revista.

Essa identidade serviu a dois propósitos que podem ser considerados fundamentais no sucesso da revista e na sua consagração na história da arte e literatura paranaenses. O apelo à categoria de “moços” ou “novos” e a tentativa bem-sucedida de botar em prática os valores de subversão associados a ela acabou por enquadrar a revista no fenômeno mais geral das revistas de novos da década de 1940. Uma peculiaridade delas era a variedade dos locais onde eram editadas, incluindo não apenas os centros principais da produção cultural brasileira, Rio de Janeiro e São Paulo, mas também estados periféricos – a situação do Paraná. A revista foi então incluída numa rede de comunicação e trocas entre essas revistas.

Finalmente, o reconhecimento da revista passou pela estratégia de legitimação através do reconhecimento dos dominantes. O envio da revista e a republicação das respostas obtidas servia ao alinhamento da revista com as posições mais dominantes e centrais. Nesse aspecto, esse interesse demonstrava o reconhecimento de uma escala de consagração dos agentes. Se havia uma adesão total às posições de Carlos Drummond de Andrade ou Antonio Candido, havia também uma consciência de que Tasso da Silveira, embora radicado no Rio, não correspondia às posições mais proeminentes do campo. Tasso da Silveira havia feito parte da renovação modernista, mas em uma das suas posições mais conservadoras e renegadas, a da vertente espiritualista do movimento. Assim, Tasso era um dominado entre dominantes. Não é de se estranhar sua posição a favor do regionalismo paranista e, por conseguinte, seus elogios a Temístocles Linhares: os dois estavam em posições mais próximas, com afinidades eletivas que condicionaram a preferência de Tasso por Linhares e não por Trevisan. Mesmo com essa posição dominada, Trevisan refutou abertamente Tasso da Silveira, atitude que não tomou com relação a um dos dominantes no espaço intelectual paranaense, Valfrido Piloto, que só mereceu citações irônicas e curtas em Joaquim. Ou seja, a resposta a Tasso demonstra que mesmo a posição dominada do centro contava mais para Trevisan do que a posição dominante da periferia.

Assim, vemos que as estratégias utilizadas em Joaquim, especialmente por parte de seu agente mais presente, Dalton Trevisan, revelavam um conhecimento das categorias e da lógica vigentes no espaço intelectual brasileiro, conhecimento informado pelas trocas entre centro e periferia e entre periferias.

Referências

- Bega, M.T.S. (2001). *Sonho e invenção do Paraná: geração simbolista e a construção de identidade regional*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Boschetti, A. (1985). *Sartre et "Les Temps Modernes": une entreprise intellectuelle*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bosi, A. (1999). *História concisa da literatura brasileira* (37ª. Ed). São Paulo: Cultrix.
- Bourdieu, P. (1982). *A economia das trocas simbólicas* (2ª. Ed) Trad. Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte*. 2.ed. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carollo, C. L. de L. (1972). Os manifestos de Joaquim: O espírito irreverente de 22 e as preocupações de 45. *Revista Letras*, Curitiba, vol. 20, 102-119. Acessado em 8 de novembro de 2012, de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/19727/12970>.
- Casanova, P. (2002). *A República Mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade.
- Dicionário Histórico-Biográfico do Paraná*. Curitiba: Livraria Editora do Chain, Banestado, 1991.
- Joaquim, 1946 – 1948*, edição fac-similar. Coleção Brasil Diferente. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000.
- Mannheim, K. (1982). O problema sociológico das gerações. Trad. Cláudio Marcondes. In: Foracchi, Marialice M. (org.). *Karl Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Martins, W. (1946). *Interpretações* (Ensaios de crítica). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.
- Pilotto, E. (2004). *Autobiografia*. Curitiba: Editora da UFPR.
- Pilotto, E. (1945). *Emiliano*. Curitiba: GERPA.
- Piloto, V. “Seu” Joaquim, um pobre diabo. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 abr 1946. Acervo João Lazzarotto.
- Pontes, H. (1998) *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo 1940-1968*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Puglielli, H. de F. (1996). *Erasmio Pilotto*. Curitiba: Editora da UFPR. Série Paranaenses – volume 7.
- Samways, M. B. (1988). *Introdução à literatura paranaense*. Curitiba: HPV.
- Westphalen, C. M. (1988). *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná – 50 anos*. Curitiba: SBPH – Pr.
- Williams, R. (1989). *O campo e a cidade na história e na literatura*. (2ª. Ed.). Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras.
- Williams, R. (1983) *Culture and society 1780 – 1950*. New York: Columbia University Press.
- Williams, R. (1989). *Problems in materialism and culture*. (3ª. Ed). Londres: Verso.